

## PEDAGOGIA SURDA: PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS EM QUESTÃO

Irlane Magalhães<sup>1</sup>  
Luiz Albérico Falcão<sup>2</sup>

A Pedagogia é uma ciência que estuda os aspectos da Educação Infantil até a juventude. Daí em diante quem assume é a Andragogia que vai estudar e trabalhar com as demandas relacionadas aos que estão fora de faixa, adultos e idosos.

A formação em Pedagogia habilita o sujeito a lidar com os princípios, estratégias e métodos de ensino, além da administração escolar. Mas também se envolve com a resolução de conflitos diante da diversidade de interesses e da condução das temáticas escolares. Daí surge o papel do psicopedagogo.

O profissional Pedagogo atua para garantir a qualidade da educação com didática, recursos, material humano adequado e conduzem as demandas escolares com cautela e resolutividade.

O pedagogo, portanto, atua como gerente e supervisor do espaço escolar garantindo orientação de ensino aos professores segundo as demandas pessoais de cada criança sob a sua supervisão.

O pedagogo também atua na supervisão e controle do cumprimento do currículo escolar e das diretrizes estabelecidas pelas políticas educacionais brasileiras.

No tocante às políticas educacionais, a inclusão de pessoas com deficiência é a ordem do dia e os pedagogos devem estar habilitados para lidar com as necessidades individuais, bem como, diante da criança surda, com segurança estar com formação bilíngue Libras sinalizada e Língua Portuguesa escrita para todas as crianças surdas sinalizantes.

Principalmente diante do modelo de educação do país em defesa da inclusão das pessoas com deficiência e da inserção da Língua Brasileira de Sinais – Libras como segunda língua, pois a exigência é de profissionais bilíngues para as crianças ouvintes e L1 para as crianças surdas, desde que sejam nível profundo bilateral. Caso as crianças apresentem residual auditivo e facilidade de oralização esta será a sua L1. A Libras entra como complemento e preparação para interação com outros sinalizantes.

Embora o mercado de trabalho para o pedagogo seja amplo, consideramos que nem todos estão preparados para atender às especificidades da comunicação e educação bilíngue. Os centros de formação não respeitam esta especificidade e discorrem com princípios nada formativos do bilinguismo necessário em sala de aula.

Na formação de Pedagogia a habilitação profissional favorece atuação em várias frentes de trabalho:

---

<sup>1</sup> Pedagoga, especialista em Libras, professora de alunos surdos e ouvintes.

<sup>2</sup> Doutor em Educação com ênfase na formação de professores. Especialista em Libras.

- a) **Gestão Escolar:** atua na gerência administrativa da instituição podendo ampliar para administração dos recursos humanos e financeiros;
- b) **Pedagogia Social:** Ao longo do curso aprende a desenvolver projetos com habilidades administrativas de gerenciamento para atuar na organização política e social de entidades e políticas públicas;
- c) **Pedagogia Empresarial:** O modelo empresarial requer conhecimentos específicos da Andragogia para priorizar o treinamento e capacitação de trabalhadores de uma determinada empresa. São atendidos e tratados como adultos trabalhadores e com expectativas profissionais.
- d) **Orientação Vocacional:** Cada vez mais precoce a opção para a profissão e assumir o mercado de trabalho, o pedagogo tem habilidades para ajudar e orientar estudantes quanto à escolha profissional.
- e) **Ensino a distância:** A atuação do pedagogo na validação de propostas de Educação a Distância, requer expertise na área. Muitos conflitos e abandono ocorrem pela falta de estrutura, planejamento e organização dos trabalhos de formação, desde a qualidade da oferta dos materiais, das aulas, da avaliação, e sequência de conflitos sem solução;
- f) **Pedagogia para Educação Especial:** Este campo de atuação é muito delicado para o desenvolvimento de práticas docentes e pedagógicas com conteúdos escolares específicos para cada pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida. Existem conflitos de interesses políticos, econômicos, sociais. Existem barreiras atitudinais e modelos engessados de educação que pouco avançam. Caberá ao profissional organizar a dinâmica escolar no sentido de fazer acontecer a inclusão que até hoje ainda não saiu do papel o modelo ideal. E o modelo real está fragmentado e sem norte.

No Brasil o campo de atuação do pedagogo é muito amplo e em plena expansão. Mas, quando se trata da inclusão de pessoas com deficiência o chão estremece. E se forem alunos surdos o desastre tem hora marcada, dia e lugar. O professor da sala de aula diz que não sabe como lidar. Ainda esbraveja que sem intérprete não fica com o aluno. Acontece que nas séries iniciais até o quinto ano o pedagogo tem que ser bilíngue e saber como lidar e preparar o material adaptado ao educando com cognição visual.

Além disto, ainda coexistem os problemas comportamentais, conflitos presentes diante de alunos com sinais caseiros, sem limites nem regras sociais, sem educação doméstica e literalmente agressivos. Quando não, apáticos, distantes dos movimentos e à espera de tudo: de alguém que lhes apresente sinais, atividades feitas e aprovadas, e as questões das provas respondidas. Ou o profissional é fraco.

Daí, o que se tem é um celeiro de conflitos de interesses pessoais que sobressaem aos fundamentos da autonomia e independência necessários ao modelo da sociedade e de uma escola verdadeiramente inclusiva.

Profissionais pedagogos que não sabem como lidar com a cognição visual do outro e alunos que não sabem como se comportar, como aprender diante do tradicional modelo oral auditivo. A solução não está na criação de uma nova pedagogia intitulada para surdos. Mas sim, de adaptar e adequar todos os recursos para o modelo da cognição visual com técnicas descritivas e que possam ser aplicadas. Temos a sugestão da DVSA<sup>3</sup> como proposta de trabalho e os exemplos de vídeos que viabilizam maior compreensão dos temas<sup>4</sup>

O discurso da “pedagogia surda” percorre um território teórico obscuro, incerto e sem precedentes. Não tem fundamentação e não chega a lugar algum. Insistem em defender mas não sabem o que nem como nem onde. Os militantes dessa criação pedagógica refutam a ideia de reproduzir o modelo utilizado para as crianças ouvintes. Contudo, não se trata de rejeitar, mas de adaptar os materiais, adequando a realidade de cada criança como se faz com as demais deficiências. Contudo, pelo afã de rejeitar a deficiência, caem no discurso vazio e sem consistência.

Exploram o discurso contraditório às modalidades tradicionais de educação oferecida aos ouvintes que para os surdos profundos bilaterais não tem resultados satisfatórios. Mas não apresentam propostas nem práticas coerentes com o modelo da cognição visual. Rejeitam a deficiência e qualquer tipo de ensino adequado. Reivindicam o modelo da “diferença” como princípio.

Fundamentar a educação de surdos nesta teorização cultural contemporânea sobre a identidade e a diferença parece ser o caminho hoje. Entramos em momentos que primam pela defesa cultural: a educação na diferença na mediação intercultural. Esta modalidade oferece fundamento para a educação dos surdos a partir de uma visão em uma outra filosofia invariável hoje. Em que a educação dá-se no momento em que o surdo é colocado em contato com sua diferença para que aconteça a subjetivação e as trocas culturais.

O discurso apresenta uma retórica “cultural” reprodutiva e ideologicamente alienante. Alienígena cristalizada onde tentam justificar a “diferença” em detrimento da deficiência. E , por isto, desviam todas as possibilidades de proposição mais efetiva. Querem a criação de um outro ser sem considerar as variáveis e as inúmeras opções para diferentes sujeitos. Até porque, o surdo não é um ser pronto e acabado e produzido em série.

---

3

<http://visaoinclusiva.com.br/PDFS/A%20TECNICA%20DA%20DESCRICA0%20VISUAL%20SINALIZADA.pdf>

<sup>4</sup> PAPEL: <https://www.youtube.com/watch?v=9T2AwBgOkGw&feature=youtu.be>

CHOCOLATE : [https://www.youtube.com/watch?v=cfB\\_oFxm22M](https://www.youtube.com/watch?v=cfB_oFxm22M)

Está imposto pelos que defendem a “cultura” de massa e o “povo surdo” segregado o criacionismo de sinais diante culturalização da deficiência auditiva. Rejeitam o termo e desenham o “Surdo” com letra maiúscula como se fossem uma criação especial de puros. E todos os demais que tentarem ouvir com uso de tecnologias assistivas do tipo aparelhos de amplificação sonora, implante coclear, que fizerem alusão a vacina contra rubéola<sup>5</sup>

O peso do discurso em defesa do modelo “cultural” é perverso e alienador. Mas está tão presente no sinais e na escrita de muitos, que esquecem-se, os autores que defendem essa filosofia e prática antissocial, de que, na sala de aula estão professores ouvintes e surdos, sem saberem como construir conhecimento algum. E com esse discurso alienado de “pedagogia surda” sem base teórica nem pragmática, o que nos resta é a manutenção da alienação coletiva.

A sala de aula bilíngue com surdos não ultrapassa a barreira da mediocridade coletiva e ainda se respalda na escola regular com sala bilíngue e nos centros de formação de professores, universidades de todo o Brasil com desvio dos temas e conteúdos do que seria ensinar a Libras como língua para colocar conteúdos adversos do tipo: vida do surdo, história da surdez, calvário dos surdos, cultura surda, como se fossem trabalhar uma disciplina de socioantropologia.

Da mesma forma que não existe cultura dos ouvintes, dos cegos, das crianças autistas, com microcefalia, também não existe cultura surda. O que existe são diversas culturas e/ou manifestações culturais de pessoas surdas oriundas de diversos lares, cidades e regiões do país.

Toda ação social faz parte e compõe a culturalidade. Todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado que se estrutura no sentido da culturalização de significados para o empoderamento das pessoas.

Todos os seres merecem ser felizes sem imposição nem cerceamentos dos direitos pessoais. Sendo que, para fazer parte e ser aceito no modelo imposto de “cultura surda”, existem regras pré-determinadas por pessoas que se intitulam lideranças surdas e que insistem definir como discurso da “comunidade surda brasileira”. Mas diante de um país intercontinental estaria mais próximo e coerente chamar de comunidades. E nunca um “povo surdo” porque fere aos princípios conceituais. A não ser que consigam legitimar este território em algum estado brasileiro. Talvez o de Santa Catarina como preveem algumas lideranças que estão capitaneando, pela internet, jovens de todo o país para se unirem e formarem esta fabricada “nação surda”.

Para ser inserido no clube da “cultura surda” existem regras do tipo: não pode oralizar, não pode usar aparelho de amplificação sonora, não pode fazer implante coclear, não pode namorar nem casar ouvintes que não estejam inseridos e também aceitos na comunidade surda. Também não apresentam outras deficiências porque

---

<sup>5</sup> Existe um discurso de professores do INES que a vacina da rubéola é o que Hitler fez contra os judeus para dizimar o “povo surdo”. Também aos que fazem implante coclear

buscam surdos com identidade “purificada” para transformar a sociedade do “povo surdo” numa nação norteada pela eugenia.

Está-se a defender, na verdade, uma proposta cujo teor tornar-se-ia inovador não fosse a manipulação objetiva dos criadores da “pedagogia surda”.

Esses criacionistas rejeitam estratégias educacionais voltadas para a cognição visual e impõem a “modalidade da diferença” fundamentada na “subjetivação cultural” a partir da “aprendizagem nativa” que dizem ser “própria do surdo”.

“Aprendizagem nativa” é mais um empréstimo da língua portuguesa e que pode fazer parte do modelo perverso desagregador e alienador das famílias. Nada da Libras se aprende de forma nativa, ou precisariam serem todos os pais de crianças surdas, também surdos e usuários da Libras. O que é uma inverdade nacional.

O absurdo do discurso separatista e segregacionista chega a desenhar no território intercontinental brasileiro o “povo surdo” como se fosse um segmento também territorializado.

E mais ainda, criam um modelo cultural escravista quando limita quem pertence e pode ser inserido no modelo cultural circunscrito do “povo surdo” que defende a “cultura surda”. E muitos oportunistas ouvintes que vivem de benesses da indústria da deficiência, ainda afirmam que existe a cultura ouvinte para justificar a existência da bipolaridade surda.

Neste procedimento o processo inverte a regulação. Não é mais o ouvinte que regula o surdo, não é mais o anômalo, ou o surdo excluído na sua inferioridade. É a cultura surda que regula o surdo em direção a seu ser diferente e a sua defesa diante daquilo que chamo de praticas discriminatórias que mapeiam populações sobre marcas visíveis e transparentes de poder que as mantém na subalternidade<sup>6</sup>.

O discurso da cultura que regula e controla é estranho, pois dirige o modus de atuação de uma pessoa. Como uma cultura regula o sujeito? Quais as diretrizes devem ser seguidas ou da cultura será expulso por não compartilhar dos mesmos objetivos das lideranças que manipulam seus interesses.

A cultura separatista do “povo surdo” é eugênico e mutilador. Também alienado e alienante porque entorpece o ser na sua onipresença repleto de privilégios e interesses políticos e econômicos.

Nesse caso surdos que estão defendendo que não há mais surdez, deficiência, mas a educação deve ser constituída de uma outra modalidade metodológica, com base na cultura surda. E também neste caso os ouvintes estão olhando para o surdo como sendo diferentes, isto é aqueles que são portadores de outra cultura.

---

6

O que significa essa citação como metodologia de “pedagogia surda”?

Nem nas entrelinhas pode-se aproveitar algo diante do grau de alienação e sem contextualização. A palavra cultura aparece em massa como poder e imposição. De fato, existem critérios que delinham o acesso ao território que denominado de “cultura surda”.

Não se explica este pseudônimo com exatidão, seus conceitos, metodologias, princípios nem aplicabilidade. Apenas defendem no imaginário que tudo podem, mesmo serem irresponsáveis e alienantes.

Enfim, apenas enganam, alienam e prostituem os conceitos da Ciência Pedagogia. Pois nem esses criadores da pseudo “pedagogia surda” sabem o que ou como defenderem isto. Só sabem que querem com o criacionismo inconsequente, criar uma nova raça pura e independente.

### **Princípios pedagógicos em questão**

É na Pedagogia que se estuda como ensinar a alfabetização. Seus estudos e tratados oferecem condições para o educador analisar, reconhecer as diferenças, conflitos, necessidades de cada aluno. Perceber as fragilidades, inseguranças, temores e frustrações dos educandos. Identificar dificuldades de aprendizagens e distúrbios, reconhecer o estágio e o processo cognitivo.

Manter diálogo direto com os pais, investigar, dialogar com a gestão escolar, com os pais e professores sobre o desempenho de cada educando.

É na Pedagogia e em sala de aula que o educador pedagogo troca conhecimentos culturais e transmite através do lúdico e da construção criativa o despertar para o conhecimento curricular e provoca na criança motivação, entusiasmo e aprendizagens. Isso sim é a arte da Pedagogia.

Já dizia Freire que o aluno, alfabetizado ou não, chega à escola levando uma cultura que não é melhor nem pior do que a do professor. Em sala de aula, os dois lados aprenderão juntos, um com o outro - e para que isso ocorra, é necessário que as relações sejam afetivas e democráticas, com humildade e empatia, garantindo a todos a possibilidade de se expressar e de reconhecer-se aprendente de um processo em constante reconstrução.

Neste parágrafo e nas considerações de Freire o que se diferencia do ensino de crianças comuns, entre ouvintes e surdas, são as estratégias, os recursos, a didática que precisa explorar mais o visual, a descrição, os sinais icônicos e aleatórios, diante daquela criança ouvinte que oralmente já estaria atendida.

Não há referências nem citações que tragam subsídios de um modelo específico da “pedagogia surda”. Ao que nos consta a imposição de termos sem fundamentação nem coerência teórica.

Essa invenção aliena e está longe de tornar-se uma realidade pedagógica adaptada ao sujeito surdo. **Montessori** parte do princípio de que todas as crianças tem a capacidade de aprender através de um processo que deve ser desenvolvido espontaneamente a partir das experiências efetuadas no ambiente.

Processo que deve estar organizado para proporcionar, viabilizar, oportunizar a manifestação dos interesses naturais de cada criança, independente se surdas e/ou ouvintes, o que se pretende é estimular a capacidade de aprender fazendo. Transformar a ensinagem na perspectiva da aprendizagem significativa.

E a experimentação da criança deve respeitar fatores como tempo e ritmo, frequência, proporção e dimensão. A personalidade é construída com liberdade e individualidade dos alunos que se consideram e se respeitam no processo coletivo diante da individualidade.

Mas isso não está sendo respeitado nem ocorrendo na alfabetização de crianças surdas.

Relatos de vários pedagogos angustiados com a alfabetização de crianças surdas que não foram preparados nem aprenderam a lidar com a surdez do outro. Quer seja porque falta metodologia, falta referenciais, falta o próprio educador saber como ensinar e incluir a criança surda em sala de aula, falta domínio da língua e de estratégias adaptadas. Mas isto não justifica criar uma pedagogia específica da surdez porque são todos humanos. E no processo de identificação da deficiência auditiva, os sujeitos que mais precisam de apoio são os nível profundo bilateral que apresentam características intelectuais e cognitivas estruturantes da aprendizagem, dependentes não apenas do visual, mas de toda a multidimensionalidade sensorial.

### **Pedagogia adaptada para a criança surda: o dis-curso da normalidade**

A despeito de todo o discurso criado ao redor da educação e escolarização das crianças surdas, delas serem “iguais” às ouvintes, de aprenderem “igualmente”, de que a “diferença é apenas a língua”, de que “não existe deficiência”, de que basta um intérprete de Libras e a educação está garantida, de que “Libras é língua natural dos surdos”, enfim, negam a deficiência como questão política e ideológica e esquecem-se que por trás deste desvio conceitual estão milhares de crianças abandonadas pedagogicamente porque não lhes são oferecidas estratégias adequadas às suas funções cognitivas.

Uma criança surda profunda bilateral com diagnóstico de anacusia não pode ser ensinada da mesma maneira que uma com residual auditivo ou que seja profunda unilateral. Manter o mesmo ensino sem variar nos recursos é um crime ideológico com interesses individualistas. Muitos surdos e ouvintes instrutores de Libras trabalham dando sinal para as coisas de forma aleatória sem construir caminhos cognitivos. Sem promover elaboração mental e todo este esforço é em vão.

É preciso construir e constituir o princípio do bom senso e da responsabilidade compartilhada entre professores, instrutores e intérpretes de Libras.

Temos visto, ao longo de mais de uma década, relatos, vivências e resultados bem diferentes do que este discurso da normalidade e da igualdade. Aqueles profissionais linguistas, intérpretes e até mesmo surdos quer nas funções de professores e instrutores manipulam as informações e os resultados das pesquisas em

defesa de interesses corporativos, em detrimento das condições pedagógicas inerentes às crianças com anacusia.

De maneira simplesmente didática com viés pedagógico e andragógico pontuamos a pessoa com surdez, deficiência auditiva ou simplesmente surda com uma classificação em dois tipos distintos (FALCÃO, 2014):

**Pessoa surda Tipo 1:** Pessoa com residual auditivo, com deficiência auditiva nível leve, moderada a severa, também a profunda unilateral e que naturalmente ou após terapia fonoarticulatória, com ajuda de aparelho de amplificação sonora ou implante coclear conseguem escutar, também fazem leitura labial e até oralização. Este indivíduo se apropria da escrita da língua portuguesa com muito mais facilidade e conquista seu espaço na sociedade com mais autonomia e independência. Liberta-se da tutela da família sem retardos cognitivos nem dependência e sem maiores dificuldades também dispensa o intérprete/interlocutor de Libras porque dialoga nos dois espaços sem maiores dificuldades.

**Pessoa surda Tipo 2:** Apresenta-se com anacusia, deficiência auditiva profunda bilateral, sem uso de aparelho, sem leitura labial e totalmente dependente da comunicação sinalizada que pode não ser a língua de sinais oficial como a Libras no Brasil. Quando não conhecem Libras fazem uso de sinais caseiros, criados na primeira infância nas relações familiares e que quando da inserção da criança na escola os conflitos linguísticos e afetivos surgem de forma mais intensa.

Essa ausência de língua social compromete, e muitas vezes de maneira desastrosa, a relação de respeito e empatia com os pais e professores que não sabem como se comunicar. Isso leva muitos professores a rejeitarem a criança surda em sala de aula ou a desenvolverem um comportamento de superproteção, piedade e dependência tão perverso quanto à rejeição da surdez, e como recompensa do “castigo divino”, passam de ano, fazem as provas mais facilitadas, respondem as questões das provas, não sabem ensinar e repassam para os professores do próximo ano até que a criança desista ou chegue no ensino médio com a proteção de seus guardiões e fiéis intérpretes protetores.

A necessidade de estabelecer esta distinção dual entre tipo 1 e tipo 2 é decorrente das pesquisas de observação em salas de aulas quando professores e instrutores, ouvintes e surdos, oferecem materiais e apresentam conteúdos às crianças, jovens e adultos surdos, sem darem conta de que só sinal ou só imagem, só no visual, sem colaborar com a construção de estratégias lógicas não ofereciam condições cognitivas multidimensionais para uma aprendizagem significativa. E o resultado desta mistura indigesta são alunos surdos sem acompanhar os conteúdos curriculares. Mas mesmo assim, passam de ano a ano nas escolas sem qualquer intervenção pedagógica mais coerente com a especificidade cognitiva da criança e sob o discurso da pedagogia surda que nada diz como efetiva proposta de intervenção e resolutividade.



Tivemos acesso a um vídeo onde um intérprete tenta a todo custo fazer com que a criança com onze anos na 8ª ano, aprenda as letras na construção das palavras macaco, leão, cachorro e junto os sinais. A criança com anacusia não pode aprender igual ao ouvinte. Não existe registro mental associado porque não tem memória auditiva nem imagética associada. Então não tem sentido memorizar palavras soltas. É pura repetição sem aprendizagem.

Desta forma é claro que a criança vai esquecer. E a culpa não é da criança. Rejeitam a utilização e construção de estratégias cognitivas, insistem que as crianças surdas aprendem na convivência com outras crianças surdas numa sala bilíngue “reclusas”, dentro de uma escola regular. O ambiente é segregado exclusivo com surdos sem aprenderem a conviver com a diversidade. Sem desenvolverem afetividade, nos intervalos ficam surdos com surdos, nas atividades escolares apenas surdos com surdos, para apresentar trabalhos só com surdos. E na hora da comunicação se não tiver intérprete para intermediar ninguém assume o papel. Mais uma demanda exclusivista e excludente cognominada “pedagogia surda” contida no discurso da fabricada e escravista “cultura surda”. Até quando!

## REFERÊNCIAS

FALCÃO, L. A. B. **Educação de Surdos**: ensaios pedagógicos. Recife, Ed. do Autor, 2015. 207 p.

\_\_\_\_\_. **Surdez, Cognição Visual e Libras**: estabelecendo novos diálogos. Recife, 2ª Ed. do Autor, 2011. 385p.

\_\_\_\_\_. **Acessibilidade, Inclusão Social e Educação de Surdos: Um paradigma em foco**. Disponível em <http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/01/compar1.php>, acesso em 22 mai 2010.

\_\_\_\_\_. Inclusão social e educacional das pessoas surdas e mudas. **Jornal Voz do Planalto**, Carpina, PE, ano 9, nov. 2008. Caderno Cidades, Edição 107, p. A-11.

\_\_\_\_\_. **Estrangeiro não, apenas surdo**. Disponível em [http://www.uniguararapes.com.br/site/complexo/fg2008/download/estrangeiros\\_ao\\_apenas\\_surdos.pdf](http://www.uniguararapes.com.br/site/complexo/fg2008/download/estrangeiros_ao_apenas_surdos.pdf), acesso em 22 set. 2009.